

Corpo, corporeidade e dança moderna: um olhar a partir da espiritualidade

Body, Corporeality, and Modern Dance: a Perspective from Spirituality

Cuerpo, corporeidad y danza moderna: una mirada desde la espiritualidad

*MAURA RAHIANNY CARDOSO ARAÚJO*¹

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

*MARIA LÚCIA ABAURRE GNERRE*²

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Resumo

Este trabalho tem por objetivo trazer uma reflexão de caráter bibliográfico sobre a atuação do corpo na performance da dança moderna como intérprete da subjetividade do ator, buscando compreender o que se entende por espiritualidade e ponderando sobre essas teorias utilizando a multidisciplinaridade proposta em diferentes áreas do saber, além de acolher as contribuições da Sociologia, das Artes Cênicas e das Ciências das Religiões. Utilizaremos obras de Laban (1978), Le Breton (2012) e Eliade (2009, 2013) como ponto de partida para a compreensão do corpo como possuidor de uma espiritualidade própria, sendo este o fenômeno de maior valor para os bailarinos e suas composições. A proposta inicial deste estudo é observar o corpo além da perspectiva anatomofisiológica, perceber a necessidade da fluidez na estrutura e estética da dança moderna e,

¹ Doutoranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Pesquisa sobre espiritualidade do corpo, yoga e gênero. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7153074422823059>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0909-490X>. E-mail: maurarc.a@hotmail.com.

² Doutora em História pela Unicamp. Professora Associada do Departamento de Ciências das Religiões da UFPB e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões/UFPB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4154896044534100>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9574-3891>. E-mail: marialucia.ufpb@gmail.com.

principalmente, agregar noções ao modelo já estabelecido do que é corpo e a aplicabilidade dessas noções à dança moderna. Por fim, este artigo contribui para a ampliação da perspectiva da dança moderna junto ao corpo como componente ímpar para a transcendência pessoal.

Palavra-chave: corpo; dança moderna; espiritualidade.

Abstract

This work aims to provide a bibliographic reflection on the role of the body in the performance of modern dance as an interpreter of the actor's subjectivity, seeking to understand the concept of spirituality and contemplating these theories using the multidisciplinary approach proposed in different fields of knowledge, while embracing contributions from Sociology, Performing Arts, and Religious Studies. We will use works by Laban (1978), Le Breton (2012), and Eliade (2009, 2013) as a starting point for understanding the body as having its own spirituality, which is the most valuable phenomenon for dancers and their compositions. The initial proposition of this study is to observe the body beyond the anatomophysiological perspective and to perceive the need for fluidity in the structure and aesthetics of modern dance, while also incorporating notions into the already established model of what the body is and how these notions apply to modern dance. Ultimately, this article contributes to expanding the perspective of modern dance in relation to the body as a unique component for the dancer's personal transcendence.

Keywords: body; modern dance; spirituality.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo brindar una reflexión de carácter bibliográfico sobre el papel del cuerpo en el rendimiento de la danza moderna como intérprete de la subjetividad del actor, buscando comprender qué se entiende por espiritualidad y considerando estas teorías utilizando el enfoque multidisciplinario propuesto en diferentes áreas del conocimiento y acogiendo las contribuciones de la Sociología, las Artes Escénicas y las Ciencias de la Religión. Utilizaremos las obras de Laban (1978), Le Breton (2012) y Eliade (2009, 2013) como punto de partida para comprender el cuerpo como poseedor de una espiritualidad propia, siendo este el fenómeno de mayor valor para los bailarines y sus composiciones. La

propuesta inicial de este estudio es observar el cuerpo más allá de la perspectiva anatomofisiológica y percibir la necesidad de fluidez en la estructura y estética de la danza moderna, y sobre todo agregar nociones al modelo ya establecido de lo que es el cuerpo y la aplicabilidad de estas nociones a la danza moderna. Por último, este artículo contribuye a ampliar la perspectiva de la danza moderna en relación con el cuerpo como componente único para la trascendencia personal.

Palabras clave: cuerpo; danza moderna; espiritualidad.

Do físico às espiritualidades: primeiras considerações sobre o que se entende por corpo

Tendo em vista o cenário violento e intolerante ao qual a sociedade atual está inserida, faz-se necessário a compreensão de que o outro é humano e possui sentimentos e vontades igualmente a outro humano e que, portanto, merece respeito. Sendo assim, este trabalho, a partir de uma análise bibliográfica conduzida a partir das obras de Laban (1978), Le Breton (2012) e Eliade (2009, 2013), objetiva compreender a interação intra e interpessoal do sujeito com base nos aspectos sociológicos diante da interação da dança moderna com a espiritualidade corporal do ator e suas múltiplas interpretações da realidade³.

Os ritos e mitos do cristianismo, por exemplo, colocam o corpo como um instrumento fundamental da religiosidade e da ritualística e a própria paixão é evidenciada através das flagelações a que o Cristo se submeteu, como pode-se observar através dos escritos que constituem a Bíblia Sagrada, livro de regras e fé adotadas por esta religião: “[...] enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo-o abençoado, partiu-o e, distribuindo-o aos discípulos, disse: ‘Tomai e comei, isto é o meu corpo’” (Bíblia [...], 2002, Mt 26, 26-29).

Por conseguinte, o corpo dentro dessa religião é composto por uma humanidade desassociada de uma inteira sacralidade, mas é o lugar onde o profano e o sagrado coabitam e experimentam as ações sacrificiais de seus ritos através de suas expressões e movimentos, acontecendo, no corpo em si, uma espécie de contato com o sagrado com ressalvas, pois o discurso religioso reflete estereótipos construídos através de dogmas, e, por meio disso, constrói a ideia de que o corpo precisa ser purificado. Essa concepção transpassa os “muros da igreja” e perpetua no imaginário coletivo, que adota a dominação religiosa e nutre severos interditos e tabus quanto à própria concepção de experiências. Em outras palavras, o corpo

³ O presente artigo é derivado de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da autora empenhado na área de Ciências das Religiões.

é produto da sacralidade e a mentalidade profana (individual) não pode tocar esse invólucro, a não ser nos ritos de remoção do pecado para acessar seus canais de sacralidade e encontrar uma conexão com o transcendente.

Para a religião o corpo desempenha um papel na manifestação de sacrifícios e é por meio dele que as pessoas expressam sua devoção fundamental na realidade concreta da carne e do sangue humano. Pois ele carrega as simbologias que evocam nele a conexão com o sagrado (Lemos; Bezerra, 2015, p. 77).

Na compreensão da yoga, por exemplo, o corpo não está desassociado de uma sacralidade, pois, para essa filosofia, em tudo encontra-se o sagrado, sendo necessário o exercício da consciência para submeter o corpo ao processo de transcendência que só pode ser atingido quando o corpo e a mente tornam-se um só. A própria palavra *yoga* significa “unir”, “juntar”, e essa união acontece através das práticas de posturas (*asana*) em conjunto com as técnicas de respiração (*pranayama*), que, por sua vez, formam a meditação, elevando a condição de consciência do indivíduo e transformando o autoconhecimento em um estilo de vida e uma condição de sacralidade dentro de sua vivência e realidade (Eliade, 2009).

Embora a religiosidade estabeleça parâmetros para a relação do indivíduo com o que ele entende por sagrado, através dos estudos sobre os “novos movimentos religiosos” percebe-se que as instituições religiosas não são os únicos meios para a interação com aspectos sagrados. Ao estudarmos novas expressões religiosas, percebemos que as pessoas da modernidade não são menos religiosas que as de outrora, mas sim que a religião não é mais uma prerrogativa exclusiva da Igreja. Ou seja, a religiosidade e a espiritualidade do século XXI podem estar difusas de diversas maneiras e um ponto central para entender essas novas religiosidades é seu caráter experiencial. A ideia nuclear é a de que cabe a cada um encontrar seus próprios caminhos entre as diferentes vias espirituais. O objetivo do adepto é sempre promover a autotransformação por meio de técnicas psicocorporais (incluindo variados tipos de dança) ou esotéricas, como a *yoga*, a meditação, as danças sagradas, os oráculos e as várias outras maneiras – muitas vezes oriundas de tradições bastante antigas e distantes. Nesse sentido, podemos perceber que essas novas práticas religiosas se aproximam muito mais de uma religiosidade de tipo místico do que das seitas, ou, menos ainda, de uma igreja formal (Guerriero, 2006).

A partir desse entendimento, compreende-se o corpo inteiramente como a correlação entre o sagrado e o profano em si, sendo ainda um conjunto de

elementos simbólicos que lhe atribuem significados conforme a sua linguagem. Dessa forma, o corpo é necessário tanto para estabelecer parâmetros sobre aspectos transcendentais quanto para desenvolver uma espiritualidade que independe dos padrões conservados pelas religiosidades (Storni, 2013).

Mesmo várias religiões tendo diretrizes que regem a manifestação do sagrado através da corporeidade, utilizando de métodos “profanos”, a exemplo das diversas expressões de dança, o método não inibe o transcendente, assim como não depende de regras dogmáticas para exercer seu papel de condutor. É necessária a arte em volta do ser humano; é essencial a poesia se fazer presente no processo de autoconhecimento e realização. Conseguir canalizar a poesia no corpo é uma ferramenta que transcende a realidade sociorreligiosa; é uma linguagem que caracteriza o ser social, as expressões através dos movimentos e a comunicação efetiva, mesmo que poética, do corpo.

O dançarino abstrato ou moderno tenta transmitir um “*insight*” de um estranho mundo espiritual que lhe é peculiar. Presume-se que este mundo constitua a “herança primária do espírito humano corporificado” [...] A dança, para estes artistas, é a manifestação daquelas forças internas a partir das quais brotam as complicações dos acontecimentos humanos. Eles não se interessam pelas situações, eventos e conflitos da vida prática, nem tampouco pela forma realçada que o drama confere a tais conflitos, ao retratá-los. Acreditam eles que podem cavar ainda mais fundo na realidade que subjaz às experiências ordinárias da vida e que a dança é a linguagem pela qual pode-se transmitir ao espectador esse nível mais fundo de conscientização [...] com base em sequências de evolução não convencionais de seu corpo. Desta forma, espera realizar uma espécie de invocação mágica ou encantamento dos poderes da vida (Laban, 1978, p. 235-237).

Sendo assim, através dos estudos de Laban (1978), entende-se que a simples existência não determina a interlocução, menos ainda a compreensão de qualquer expressão executada. Deste modo, possuir as mesmas características não determina a intencionalidade do outro, pois a linguagem não é estabelecida pela fisiologia, mas a estrutura onde ocorre os processos fisiológicos têm a capacidade de unir expressões ao movimento. O corpo se constitui enquanto se movimenta, e, em caso de inércia, a própria definição de corpo se torna obtusa, pois o sentido do corpo é se relacionar com as coisas. O corpo tanto constrói a percepção de mundo como depende dele para existir, e, dessa forma, é mais do que um órgão anatomofisiológico: é objeto de humanidades, linguística, natural e espiritual (Merleau-Ponty, 2011).

Não basta que dois sujeitos conscientes tenham os mesmos órgãos e o mesmo sistema nervoso para que em ambos as mesmas emoções se representem pelos mesmos signos. O que importa é a maneira pela qual eles fazem uso de seu corpo (...). O uso que um homem fará de seu corpo é transcendente em relação a esse corpo enquanto ser simplesmente biológico. Gritar na cólera ou abraçar no amor não é mais natural ou menos convencional do que chamar uma mesa de mesa (Merleau-Ponty, 1995 *apud* Furlan; Bocci, 2003, p. 448).

Eliade (2013), por sua vez, coloca o corpo não apenas como objeto de comunicação social, mas também como detentor da comunicação entre o micro e o macrocosmo. Segundo ele, o corpo humano faz parte do ritual sagrado; o corpo deixa de ser apenas algo fisiológico e passa a ser “templo” da sacralidade (Eliade, 2013).

Em resumo, ao se instalar conscientemente na situação exemplar a que está de certo modo predestinado, o homem se “cosmiza”; em outras palavras, ele reproduz, em escala humana, o sistema dos condicionamentos recíprocos e dos ritmos que caracteriza e constitui um “mundo”, que define, em suma, todo universo. A correspondência também atua no sentido contrário: o templo ou a casa, por sua vez, são considerados como um corpo humano. [...] É importante, contudo, enfatizar que cada uma dessas imagens equivalentes – Cosmos, casa, corpo humano – apresenta ou pode apresentar uma “abertura” superior que possibilita a passagem para um outro mundo (Eliade, 2013. p. 142).

Sendo assim, entende-se o corpo como ferramenta de comunicação, arte, espiritualidade, vitalidade, consciência e equilíbrio quando colocado no centro da experiência do sujeito e suas relações, não sendo percebido como objeto profano ou sagrado, mas percebendo que essas relações transitam no ser a partir da consciência do sujeito, tornando uma linguagem fluida de aprimoramento pessoal e coletivo, acolhendo seus anseios e percebendo, no outro, a necessidade de acolhimento, tornando uma alternativa também na quebra de ciclos violentos e trazendo à consciência individual e coletiva⁴ uma abordagem flexível.

⁴ conceito de consciência coletiva adotado neste trabalho faz menção ao trabalho de Durkheim (1996) em *As formas elementares de vida religiosa*, onde ele elabora considerações a respeito das relações dos povos originários da Austrália estabelecendo a consciência coletiva como parâmetro de vínculo social na compreensão do contexto sociorreligioso, não eliminando a estrutura de solidariedade mecânica, mas percebendo uma roupagem mais elaborada no tocante a dimensão religiosa. Durkheim (1996) entende que, a partir das representações simbólicas e das atividades comuns à sociedade, serão formadas novas expressões que serão atraídas ou repelidas diante das interações. Caso os sujeitos em suas individualidades não se adequem ao contexto social, serão segregados e, por fim, desconstituídos daquela sociedade.

Corpo e corporeidade

O ator tem consciência de existência porque, através de si, comunica-se com o outro e interage com o meio por movimentos e sensações; dessa forma, a comunicação é baseada pelo corpo, ou seja, o ator apodera-se de simbologias físicas que são aprendidas no meio social onde está inserido e, dessa forma, decodifica movimentos dos quais caracterizam uma forma de diálogo corporal, pois as experiências podem ser partilhadas visivelmente e sentidas através da percepção (Le Breton, 2012).

Para tanto, entende-se que o corpo é caracterizado conforme sua localização histórica e espacial, tendo influência direta da cultura ao qual está inserido. Sendo assim, o corpo, mesmo em sua complexibilidade fisiológica, não se restringe apenas a seus conceitos materiais e suas funcionalidades metabólicas, mas tange estruturas do pensamento, da linguagem, da arte e permeia pelos vários modos de existir do ser humano, como a espiritualidade. Mesmo suas características fisiológicas sendo reais, independentemente da cultura e simbologia que o envolve, o corpo se torna objeto real independente do tempo histórico que é retratado, e, então, pode-se aferir que o corpo é algo além de matéria; porém, esse pensamento requer uma abstração dos seus atributos sólidos.

Por conseguinte, a corporeidade tornou-se uma ferramenta analítica para as ciências, principalmente as sociológicas e artísticas, por desempenhar papéis no tocante à observação da comunicação e interpretação do modo de existir através do corpo, pois “[...] pela corporeidade, o homem faz o mundo a extensão de sua experiência [...] emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural” (Le Breton, 2012, p. 8).

Segundo Merleau-Ponty (2011), as dimensões do corpo é a efetividade da atuação do ser no mundo; ou seja, é o viver, sentir, estar e conhecer o mundo em sua integralidade, de forma complexa, natural e real e apenas através dessa interação se constituir o sujeito enquanto ser pensante e existente, construindo sua personalidade e consciência enquanto percepção individual e na relação com seus pares. Ainda segundo o autor, estar em si é o reconhecimento de que “[...] é comunicando-nos com o mundo que indubitavelmente nos comunicamos com nós mesmos. Nós temos o tempo por inteiro e estamos presentes a nós mesmo porque estamos presentes no mundo” (Merleau-Ponty, 2011, p. 569).

Corpo enquanto agente de espiritualidade

À vista disso, percebe-se que, para autores como Le Breton (2012) e Merleau-Ponty (2011), o corpo é intérprete de comunicação e linguagem, sendo fundamental para relações pessoais e interpessoais. Os escritos desses autores trazem uma romantização do corpo, uma vez que saem da modalidade fisiológica, passam pela atuação social e terminam numa filosofia própria do que é corpo, levando até mesmo a uma concepção espiritualizada desse objeto.

Mas o que é espiritualidade? A palavra deriva de *spiritus*, proveniente do latim, que significa “sopro”, “ar”. Nessa concepção, a espiritualidade é apenas a substância que vitaliza o corpo, sendo esse conceito trabalhado na linguística e no senso comum. Contudo, há uma infinidade de estruturas que definem o que é espiritualidade; para Frankl (2005), neuropsiquiatra que formulou a teoria da logoterapia e análise existencial, a espiritualidade é um caminho de apego a um sentido que personaliza o desejo de viver, experienciando os acontecimentos de forma ímpar e ressignificando acontecimentos traumáticos.

Para as Ciências Sociais, a espiritualidade designa um fenômeno em si mesmo com características e sentido próprio (Giumbelli; Toniol, 2020). Para As ciências das Religiões, a espiritualidade invade as religiões institucionais, bem como foge das regras imputadas por elas, abrindo um leque para as experiências religiosas (Calvani, 2014), o que pode interagir com o conceito de espiritualidade das Ciências Sociais posto que a definição de que o fenômeno é autoexplicativo designa, grosso modo, o papel da espiritualidade.

A espiritualidade vai além das relações religiosas institucionais porque está em tudo, em toda parte, interagindo com todos os componentes ao redor. A espiritualidade é uma relação simbiótica com a natureza, os seres semelhantes e com o que está além da matéria; ela não é o dogma, não constitui regras e nem pertence a elas. As religiões são fundadas para alcançar a espiritualidade, mas, para alcançar e construir uma relação espiritual, não é necessariamente necessário ser adepto a uma religião (Boff, 2001).

Dessa forma, podemos acrescentar a leitura de espiritualidade não-religiosa observada por Kilma F. Bezerra (2016), que retrata a arte da dança como uma espiritualidade extrarreligiosa. No palco, as manifestações que ela observou revelam o imbricamento da subjetividade individual de cada bailarina com os movimentos da dança, tornando cada expressão única. A composição artística configurou uma realização extracorpórea através da relação da bailarina com seu corpo.

Para o ator chegar a essa noção de que é mais do que a anatomofisiologia ele precisa, antes de tudo, de algo que o faça mais observador de seu eu, seja físico, seja imaterial. Diante disso, a dança moderna vem para elencar o ator em seu conteúdo integral, isto é, tem a intenção de trazer ao homem uma autoanálise, um conhecimento mais específico de si, uma interação completa do ser abstrato enquanto ser material. O movimento, a interpretação, o anseio para progredir e aperfeiçoar o órgão material eleva a consciência corpórea, tanto em individualidade quanto em coletividade. Le Breton (2012) observa a relação do corpo coletivo em uma sociedade em que o corpo não é apenas órgão delimitador, mas uma forma de interagir e viver em coletividade; em contrapartida, em uma sociedade individualista, ele existe com o objetivo de demarcar o espaço individual.

Assim sendo, o movimento desse corpo pode irromper aspectos pré-estabelecidos socialmente caso o ser doe seu ser material para interação coletiva; ou seja, o contato de um ator com outro ator, ou até mesmo a coletividade de um único ator, pois “[...] o corpo é também uma construção simbólica” (Le Breton, 2012, p. 33) e pode levar os espectadores a se tornarem atores e conhecedores de si. Segundo Laban (1978), o ator pode se mover para dois diferentes objetivos, restringir seus gestos para aspectos exteriores à vida ou refletir aspectos interiores ao eu, mas, para todos os efeitos, o ator tem o objetivo de fazer a comunicação da vida, e, sendo assim, seus movimentos vão além da mecânica da coreografia.

A dança moderna como intérprete das espiritualidades

Posto isto, a dança moderna é uma expressão de livre movimento que data do início da década passada, tendo como precursores Isadora Duncan, Ruth Saint Denis, Ted Shawn, Martha Graham, Mary Wigman, Rudolf Von Laban e Doris Humphrey (Garaudy, 1980). A dança moderna tem por objetivo utilizar o corpo como agente integral e surgiu para mudar o modo como o mundo via a dança e como a própria dança se manifesta no mundo. Dessa forma, o sujeito passou a se expressar não apenas com movimentos repetidos e arraigados a técnicas, mas com conceitos que tendem a estabelecer uma ligação do corpo enquanto matéria e sua subjetividade, envolvendo e se deixando no cosmos. A dança pode compor variações do próprio sujeito, acarretando uma oportunidade de se reinventar e de ter um conhecimento mais profundo de si e até mesmo gerando uma interação mais fluida e profunda com o universo.

A dança é união. União do homem com seu próximo. União do indivíduo com a realidade cósmica. A dança é um rito: ritual sagrado, ritual social. Encontramos na dança essa dupla significação que está na origem de toda atividade humana [...] a dança é uma das raras atividades humanas em que o homem se encontra totalmente engajado: corpo, espírito e coração. A dança é um esporte (só que completo). A dança é também uma meditação, um meio de conhecimento, a um só tempo introspectivo e do mundo exterior (Garaudy, 1980, p. 8-9).

Por isso, perceber a dança – em específico a dança moderna – como catalisador de unidade do sujeito é entender que, mesmo o corpo sendo multifacetado, ainda consegue extrair novas consciências através da arte. A reinterpretação do corpo através dos movimentos condiciona o ator a um ponto de abstração própria que compartilha não apenas com seus interagentes, mas também com a plateia. Antes de qualquer coisa, a dança fala com o corpo que a pratica, mas transpassa o organismo para aqueles que o sentem.

[...] é sobretudo na dança que a dupla presença do bailarino-espectador, também ela um encontro de corpos, se atualiza num diálogo intensificado, diálogo este tanto mais marcante para o nascimento das estesias por implicar um encontro no tempo e no espaço. [...] É um modo de estudar experiências partilhas e, através delas, a transformação do sensível tanto para o bailarino como para aquele que testemunha a sua dança. Na dança, devido ao compromisso do bailarino no seu gesto, a própria obra de arte é extraída da sua matéria (Louppe, 2012, p. 29).

Nesse ponto, a coreografia não pode ser avaliada a partir da mecânica dos movimentos, mas sim considerada a partir da leitura de mundo do sujeito enquanto agente da experiência, uma vez que o corpo é a parte expressiva da composição e a atuação é tão vívida quanto sentida. Sendo assim, a compreensão do corpo como espaço sagrado e principalmente como espaço integral retoma a consciência de singularidade e conecta o sujeito às partes mais profundas dele próprio e de seu semelhante, tornando os aspectos relacionais mais intensos e tolerantes.

Dito isto, a relação do bailarino com a plateia exige empatia com o corpo do outro, e, a partir dessa experiência, construir uma atmosfera que ligue a todos através das *nuances* das escolhas do bailarino nas suas manifestações mais ínfimas, traduzidas, por vezes, numa explosão passageira no limiar de um movimento, outras vezes, no pura “estar-aí” de gesto que se forma no presente e dos corpos em movimento e dos extasiados (Louppe, 2012).

Laban (1978) afere que, mesmo os atores sendo indiferentes à análise subconsciente do público, ela ainda existe e deriva da experiência a partir dos movimentos dos corpos. Sendo assim, mesmo a imagem sendo meramente uma ilustração, ela transpassa a caricatura e revela a emoção de um contato com outros corpos em movimento.

Por outro lado, o resultado de um espetáculo é a junção da interpretação dos atores com a consciência da plateia. É no palco que acontece a apresentação dos signos, mas a interpretação deles ocorre nas cadeiras ocupadas de agentes observadores. Dessa forma, a visão dos autores da obra é validada através do contato com seus agentes e os “signos” se tornam linguagens a partir da interação das experiências vividas e sentidas, pois, da mesma forma que os atores transferem suas vidas durante sua performance, os espectadores devem ser capazes de se aprofundar na mensagem emergente e, assim, serem capazes de viver e sentir suas próprias descobertas.

Existe uma arte secreta do ator e do dançarino. Existem “princípios-que-retornam” e que determinam o *bios* cênico dos atores e dos dançarinos das diversas culturas e épocas. Não são regras, mas ponto de partida que permitem que as qualidades individuais se transformem em presença cênica e se manifestem em expressão personalizada, eficaz e sugestiva no contexto da história de cada um (Barba; Savarese, 2012).

Portanto, a espiritualidade expressa através do corpo em movimento é uma epifania da própria vida. Klauss Vianna (2005) afere que o processo criativo de todo bailarino na composição da coreografia é uma entrega inteira de todas as partes do ator; ou seja, o corpo não se constitui apenas em matéria, mas a subjetividade, a imanência de si está inteiramente no corpo e dessa forma experiencia todas as fases da vida, a cada criação, e sente todas as sensações, mesmo que antagônicas em seu ser, como nascimento, vida e morte, alegria, prazer e dor. Nisso reside o aperfeiçoamento do mover-se e da capacidade de transcender.

Por fim, o corpo não apenas é objeto de movimentos, como a linguagem, e, como podemos verificar neste estudo, é um organismo próprio para a espiritualidade, bem como no contato intra e interpessoal, sendo aprimorado através da dança moderna e transformando as habilidades anatomofisiológicas em condições de interpretação do autoconhecimento e da espiritualidade. Pode-se aferir, também, que, se o aprimoramento corpóreo torna o sujeito mais consciente de si e das coisas à sua volta e a dança moderna é um instrumento que estreita e intensifica essa absorção dessa consciência, então a dança, quando usada como método para experiência espiritual, pode contribuir para o desenvolvimento da filosofia da não-violência.

Considerações finais

Dessa forma, construir o saber focado no corpo como elemento relacional entre a consciência individual, consciência coletiva e a espiritualidade é fundamental para desenvolver perspectivas em que o movimento é maior que mobilidade; é forma expressiva de estar no mundo, é essencial na identificação de que o sujeito é repleto de aspectos sacros e, por conseguinte, construir relações intra e interpessoais mais saudáveis. A dança, por ser uma arte flexível, mostra-se sendo um forte expoente para o desenvolvimento dessa consciência. A dança pode elevar a consciência corporal e de mundo do ator de tal forma a estender sua comunicação com os dedos, braços, pernas e todo seu corpo. Através dos movimentos, o sujeito se faz entendido, e, como uma troca de experiências, entende o outro, sente o outro.

Por fim, através deste trabalho, buscou-se construir um arcabouço de reflexões teórico-conceituais sobre o corpo, a corporeidade e a espiritualidade, com vistas a servir como base para trabalhos de campo desenvolvidos a partir dessa temática. A construção do corpo enquanto espaço sagrado e de acesso à espiritualidade não é um conteúdo efetivamente inovador, porém não se mostra bem-quisto nos debates dentro dos acessos científicos no que se refere às ciências naturais e percebe-se a necessidade de mais estudos sobre o tema, sobretudo nas áreas das artes e ciências humanas que lideram os estudos já construídos. Nas Ciências das Religiões, pode-se perceber construções de temas afins, como a exemplo da de Kilma Bezerra (2016), que contribui de forma significativa na estruturação de um conceito em espiritualidade do corpo⁵ e no desenvolvimento da corporeidade imbricada à espiritualidade a partir da dança.

⁵ O conceito de espiritualidade do corpo começa a ser debatido sobretudo no campo das Ciências das Religiões, no ano de 2016 (cf. Da Cruz e Zica; Gnerre, 2016).

Referências

BARBA, E.; SAVARESE, N. **A arte secreta do ator: um dicionário de antropologia teatral**. Tradução de Patricia Furtado de Mendonça. São Paulo: Editora É Realizações, 2012.

BEZERRA, K. F. **Arte de si na dança tribal: narrativa entre espiritualidade e corpo cênico**. 2016. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciência das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12190?locale=pt_BR. Acesso em: 18 nov. 2023.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus Editora, 2002.

BOFF, L. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2001.

DA CRUZ E ZICA, M.; GNERRE, M. L. A. **Índia Ocidental, China Tropical: uma “espiritualidade do corpo” como elemento propiciador de encontros culturais no Brasil**. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 14, n. 43, p. 789-826, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2016v14n43p789>. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2016v14n43p789>. Acesso em: 18 nov. 2023.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996. 609 p.

ELIADE, M. **Yoga: imortalidade e liberdade**. Tradução de Teresa de Barros Velloso. 4. ed. São Paulo: Editora Palas Athena, 2009.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

FRANKL, V. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. São Paulo: Editora Vozes, 2005.

FURLAN, R.; BOCCI, J. C. **O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 3, p. 445-450, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000300011>. Acesso em: 18 nov. 2023.

GARAUDY, R. **Dançar a vida**. Tradução de Antônio Guimarães Filho e Glória Mariani. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

GIUMBELLI, E.; TONIOL, R. **Espiritualidade em perspectiva: debates e aproximações do tema pelas ciências sociais**. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 3, p. 11-19, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0100-85872020v40n3editorial>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/MgfFhJGYG7Bsf44X7VMQWvj/?lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2023.

GUERRIERO, S. **Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro**. São Paulo: Editora Paulinas, 2006.

LABAN, R. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

LEMO, F.; BEZERRA, A. S. **Lapinha, o corpo como representação da religiosidade popular**. João Pessoa: Editora UFPB, 2015.

LOUPPE, L. **Poética da dança contemporânea**. Lisboa: Editora Orfeu Negro, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

STORNI, A. T. **Hatha-yoga: corpo e espiritualidade**. 2013. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4209?locale=pt_BR. Acesso em: 18 nov. 2023.

VIANNA, K. **A dança**. Colaboração: Maro Antonio de Carvalho. 7. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

Submissão: 06/07/2023

Aprovação: 28/08/2023